

## CONCEPÇÃO DO PAPEL DE PSICÓLOGO ESCOLAR

### *Coordenação \**

MARIA AMÉLIA AZEVEDO GOLDBERG

### *Elaboração e Aplicação de Instrumentos \*\**

Francisco Ansiliero  
Iracema Santaela Naef  
Margarida F. Ramos  
Maria Isabel T. Magalhães  
Maria Teresa N. Chiossi  
Maria Teresa Del Prete  
Marilia Josefina M. Kuller

### *Análise e Interpretação dos Resultados \*\**

Eliana Ximenes  
Luiz Alberto L. Nassif  
Maria Ines M. S. Azevedo  
Maria Jurema V. Carvalho  
Marilena R. Malvezzi  
Myriam A. S. Vilarinho  
Marli Lotfi Hollo  
Zachia Dilsa A. Miguel

*Este trabalho representa o resultado de um esforço cooperativo entre alunos do Curso de Psicologia Educacional Avançada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nos anos de 1973 e 1974. Sua elaboração foi tornada possível graças, também, à assessoria estatística da Profª Bernardete A. Gatti do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática da Universidade de São Paulo.*

---

\* Professora e \*\* Alunos de Psicologia Educacional Avançada do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é delinear a concepção que os Psicólogos Escolares têm de seu papel profissional, quando integram uma equipe formada por outros técnicos (Orientador Pedagógico e Orientador Educacional).

Nossa hipótese é a de que existe um consenso entre os Psicólogos Escolares sobre a função preventiva que devem exercer, atuando sobretudo junto ao professor quando em serviço.

Os dados de caracterização dos sujeitos da amostra foram levantados através de um questionário informativo.

O instrumento usado para análise da concepção do papel profissional foi uma escala Q não estruturada, constando de 70 afirmações sobre atividades de um serviço de Psicologia Escolar.

Os dados receberam tratamento conforme a rotina da metodologia Q.

Submetidos a análise, esses dados permitiram não só confirmar a hipótese formulada, como detectar a existência de uma concepção alternativa do papel de Psicólogo Escolar, enquanto "facilitador na solução de problemas escolares".

## SUMMARY

This study investigated the school psychologist's perception of his own role as member of a working group with other professionals in education.

The author's hypothesis was that there is a general consensus among school psychologists about their preventive function through work with teachers.

A questionnaire was used to characterize the subjects in the sample. Role perception was detected through a non-structured Q scale with 70 statements about the activities of the school psychologists.

Results confirmed the investigator's hypothesis and also showed another perception of the psychologist's role as "moderator in the solution of school problems".

## INTRODUÇÃO

Estamos presentemente, na era da especialização. Diariamente, constata-se em todos os campos a necessidade de um maior número de técnicos — na indústria, no comércio, na engenharia, na computação, na comunicação... E no ensino?

Se considerarmos a diversificação do currículo, os novos métodos e técnicas, as pesquisas recentes, a necessidade de planejar, vemos que, no ensino, a especialização surge também como um desafio.

Desse modo, a escola, objetivando desempenhar produtivamente suas funções e vencer os desafios das mudanças recentes, equipa-se com novos elementos, além dos clássicos: professor e diretor. A função desses novos elementos, os "técnicos", caracteriza-se por:

- a) preocupação de integrar o trabalho escolar, adequar escola-aluno-comunidade, e tentar tornar operacionais os fins últimos do processo educativo;
- b) influência direta ou indireta sobre o planejamento, o currículo, a integração dos programas e os procedimentos de execução e avaliação dos planos de ensino;
- c) interação com todos os elementos envolvidos na escola: administradores, professores, e alunos; atividades técnicas que, por sua natureza, têm reservado a si papel fundamental no que tange à introdução de refor-

mulações e à manutenção de uma dinâmica de renovação e atualização" (Gatti et al. 1974, p. 5).

Para desempenhar tais funções são chamados os especialistas (Assistente Pedagógico, Orientador Educacional, Assistente Social, Psicólogo Escolar) que, apesar de se aplicarem a um aspecto determinado do processo ensino-aprendizagem, não têm uma delimitação clara de papéis. Isto, principalmente, porque o objeto de sua aplicação — a educação — é uma área multidimensionada, o que favorece interferências mútuas mesmo quando há a preocupação da não invasão de outro campo profissional, e em função, também, das exigências da realidade como, quando na escola, só existe um ou outro desses técnicos, tornando aguda a sobreposição de funções para atender às mais diferentes solicitações de trabalho escolar.

Desses "técnicos", o Psicólogo Escolar tem função ainda menos delimitada pois é, entre todos os especialistas, aquele que há menos tempo se dedica à escola e sobre o qual existem poucas pesquisas, visando definir seu papel.

Este trabalho tem por objetivo fornecer dados que permitam melhor definir tais funções, tornando com isso mais eficiente a atuação desse profissional e dando à escola maior possibilidade de atingir seus objetivos.

## I. CONCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DE PSICÓLOGO ESCOLAR

No relato de sua experiência como Psicólogos Escolares, Teitelbaum e Suarez de Puga (1973) mostram como passaram de um atendimento de casos individuais para o desenvolvimento de um trabalho com o professor. A prevenção e o tratamento de alguns casos-problema foram feitos desenvolvendo a habilidade do professor para manejar adequadamente a classe. O número de casos atendidos individualmente diminuiu à medida que o trabalho com o grupo de professores ia se desenvolvendo. Como forma de atuação junto aos professores foi escolhido o "grupo operativo"\*, no qual o Psicólogo Escolar é o coordenador, lidando com as situações no plano consciente. Apesar do trabalho desenvolvido junto aos professores, foi preciso, algumas vezes, realizar terapia individual ou em grupo com os alunos. O mesmo trabalho de profilaxia foi feito com mães, havendo terapia, quando necessário.

As autoras justificam a mudança do objeto de seu trabalho, porque, sendo a escola um centro por onde passam muitos jovens, tem como função promover a saúde mental, desenvolvendo uma atuação mais profilática do que terapêutica.

Para Martins, também as crianças normais precisam de um professor orientado psicologicamente, para aproveitar ao máximo as suas potencialidades. Segundo o autor, a função básica do Psicólogo Escolar é "tornar mais evidente na escola a necessidade de auxiliar o aluno a viver uma vida plena e sadia, tanto no que se refere à aquisição do conhecimento teórico como dos processos de ajustamento que precisa fazer para poder viver em sociedade". (Martins, 1970, p. 8).

Ainda segundo Martins, quando um professor deseja "ampliar os objetivos do seu envolvimento com o processo educacional ou... intensificar seu relacionamento geral e total com o aluno" (Martins, 1970, p. 49), muitas vezes ele se encontra hesitante quanto aos procedimentos a adotar. Cabe ao Psicólogo Escolar dar um apoio teórico, no sentido de fornecer-lhe informações e segurança para que possa decidir sobre o que for mais adequado às situações concretas. Outra função do profissional da Psicologia Escolar é oferecer condições para que, num relacionamento entre ambos, o professor possa expressar e verbalizar livremente seus sentimentos em relação aos alunos, sem receio de ser julgado

pelos sentimentos negativos que eventualmente exprima.

Quanto à forma de atuação, junto ao aluno e professor, Martins propõe que o Psicólogo Escolar observe o aluno-problema e o professor, interaja casualmente com os alunos, fazendo um levantamento das suas percepções e relacione-se diretamente com o aluno-problema, enfocando as suas dificuldades. Recomenda que o encaminhamento do aluno às clínicas especializadas somente seja feito quando o Psicólogo Escolar e o professor tiverem esgotado as possibilidades de ajudá-lo.

As duas posições citadas enfatizam o caráter profilático que deve ter o trabalho do Psicólogo Escolar.

Quanto às estratégias, que se constituem em "padrão de atos que serve para atingir certos resultados e evitar outros" (Smith, apud Goldberg, 1973, p. 64) os autores fizeram propostas diferentes: Martins propõe trabalho individualizado com o professor e Teitelbaum e Suarez de Puga utilizam os "grupos operativos".

Martins e Teitelbaum e Suarez de Puga, concordam em que a melhor forma de agir sobre o aluno é trabalhar com o professor.

De qualquer forma os dois relatos evidenciam que a Psicologia Escolar é um destino profissional aberto para os egressos de nossos cursos de Formação de Psicólogo.

A própria legislação que regulamenta a profissão de Psicólogo no Brasil estabelece como uma de suas funções específicas, a de "orientação psicopedagógica" (Brasil. Leis, decretos, etc. 1964, art. 4º).

Singularmente, porém, o Currículo Mínimo do Curso de Formação de Psicólogo prevê a inclusão de uma única disciplina voltada para a formação específica do profissional que pretenda atuar em escolas e, assim mesmo, na categoria das assim chamadas disciplinas optativas: "Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem" (Brasil, Conselho Federal de Educação, 1962).

Isso nos leva a pensar que, embora já se faça sentir, entre nós, a necessidade do Psicólogo Escolar, muito ainda deve ser feito no sentido de melhorar sua qualificação profissional. Nesse sentido a análise de concepções sobre o papel do Psicólogo Escolar, mantidas pelos próprios profissionais da área, pode ser útil a todos aqueles que direta ou indiretamente estejam preocupados com a formação de Psicólogos Escolares competentes para o desempenho das respectivas funções.

\* "Escolhemos um grupo operativo porque a indagação operativa tem a finalidade de manter a comunicação sempre ativa, possibilitar o aparecimento de idéias contraditórias, realizar um exame em detalhe e profundidade dessas idéias, e chegar à síntese criadora" (Teitelbaum e Suarez de Puga, 1973, p. 21).

## II. OBJETIVOS DA PESQUISA — HIPÓTESE DE TRABALHO — SUJEITOS

Considerando que o Psicólogo Escolar é um dos profissionais que mais recentemente passou a integrar a equipe técnica da escola, objetivamos com o presente trabalho, investigar como este profissional está delimitando as suas funções numa situação ideal de trabalho, na qual a "equipe técnica" seria constituída, também, de um Orientador Pedagógico e um Orientador Educacional.

Nossa hipótese é a de que existe um consenso entre os Psicólogos Escolares sobre a função preventiva que devem exercer, atuando sobretudo junto ao professor, quando em serviço.

## III. INSTRUMENTOS PARA O LEVANTAMENTO DE DADOS

Para levantar os dados foram utilizados questionários informativos e um instrumento construído com base na Metodologia Q, elaborada por William Stephenson (1964).

Os questionários visavam a coletar informações sobre as características do grupo pesquisado quanto a variáveis como: sexo, idade, estado civil, formação e experiência profissional anterior, além de dados referentes às condições atuais de exercício profissional.

O outro instrumento, constituído com base na Metodologia Q (Escala Q), consistiu de 70 itens (Anexo I) contendo afirmações referentes a ativi-

Foram pesquisadas as concepções que 21 Psicólogos Escolares de São Paulo mantinham sobre seu papel. Por limitação do instrumento de coleta de dados utilizado, não nos foi possível identificar o grau de ensino no qual esses profissionais atuavam. O critério para seleção dos sujeitos foi o de estar exercendo a função ou já tê-la exercido anteriormente. Foram pesquisados todos os sujeitos que conseguimos localizar, a partir de consulta a listagem de escolas com "algum aspecto de renovação escolar", na cidade de São Paulo, a partir de informações de ex-alunos de cursos de Formação de Psicólogo, etc.. Nesse sentido, nossa amostra pode ser dita *possibilística* e não *probabilística*.

dades que podem ser desenvolvidas pelo Psicólogo Escolar. Os sujeitos deviam classificar esses itens obedecendo a uma distribuição aproximadamente "normal" estabelecida anteriormente e dentro de uma escala de 0 a 10 (Anexo 2).

As afirmações foram construídas com base em levantamento bibliográfico realizado, sendo que cada uma delas refletia uma possível atividade do Psicólogo Escolar.

As classificações apresentadas pelos sujeitos foram trabalhadas estatisticamente dentro da rotina proposta por Stephenson (1964).

## IV. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ESTUDADO

O grupo estudado, constituído inicialmente de 21 sujeitos, ficou reduzido a 17 porque alguns deles não atendiam a certas exigências estabelecidas, quanto ao campo de trabalho.

### 1. Características Gerais

Todos os sujeitos pertenciam ao sexo feminino, o que não é de surpreender, uma vez que em todas as atividades educacionais há predomínio do elemento feminino.

Cerca de 70% dos sujeitos tinham menos de 30 anos, sendo que 18% encontravam-se na faixa etária dos 21 aos 25 anos e 53% entre 26 e 30 anos.

O número de sujeitos solteiros não diferiu significativamente do de casados.

Dos 17 sujeitos pesquisados, 16 moravam na cidade de São Paulo.

### 2. Formação Profissional

Possuíam o grau de Psicólogo 14 (82%) sujeitos e 3 (18%) eram licenciados em Ciências Humanas, com 1 ou 2 anos de Psicologia, sendo que um dos Psicólogos Escolares cursou, após a licenciatura, mais 3 anos de Psicologia. Dentre os que possuíam o grau de Psicólogo, 7 (50%) possuíam também a licenciatura em Psicologia.

Todos os Psicólogos Escolares da amostra tiveram a disciplina Psicologia Escolar incluída no currículo da graduação. O número de semestres em Psicologia Educacional foi bastante diversificado, variando de 1 a 4 semestres.

Do total da amostra, 6 sujeitos (35,29%) dos nossos interrogados (Tabela 1) declararam haver concluído cursos de especialização que variaram de 1 a 3, sendo que mais da metade dos profissionais fez somente um curso.

TABELA 1 — CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E ESPECIALIZAÇÃO

Curso	N	% (*)
Psicodrama (especialização profissional)	3	17,65
Orientação Educacional (especialização no regime antigo)	2	11,76
Técnicas Projetivas (Rorschach)	1	5,88

(\*) As porcentagens foram calculadas sobre N = 17.

Aproximadamente 24% (4 sujeitos) declararam ter feito ou estar fazendo curso de Pós-Graduação, todos em Psicologia Educacional. Destes, três cursos foram ou estão sendo feitos em estabelecimento particular (PUCSP) e um em estabelecimento oficial (USP).

Apenas um dos 4 sujeitos já concluíra o curso de Pós-Graduação com a duração de dois anos e seis meses. Dois deles ainda estavam cursando e um interrompera o curso antes de sua conclusão.

TABELA 2 — TIPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Tipo de experiência	Anterior		Atual — 1973	
	Nº	% (*)	Nº	% (*)
Psicólogo Escolar	17	100,00	12	70,59
Psicólogo Clínico	7	41,18	6	35,29
Magistério Superior	10	58,82	7	41,18
Magistério de 1º e 2º graus	3	17,65	0	00,00
Magistério sem especificação	2	11,76	1	5,88
Orientação Educacional; ou Orientação Educacional e Orientação Pedagógica; ou Orientação Educacional e Psicologia	5	29,51	1	5,88
Direção ou Coordenação-Escola	2	11,76	3	17,58
Seleção de pessoal	2	11,76	0	00,00
Orientação vocacional	1	5,88	1	5,88
Atividades de pesquisa (PUC/IBGE)	2	11,76	0	00,00
Outras atividades ligadas a Psicologia	5	29,41	1	5,88
Outras atividades ligadas a Educação	3	17,65	2	11,76

(\*) As porcentagens foram calculadas sobre N = 17.

Como decorrência do fato de a formação de Psicólogo não delimitar a sua área de atuação profissional, observamos que grande porcentagem dos Psicólogos Escolares também já havia exercido ou estava exercendo atividade clínica (41% anteriormente e 35% na ocasião em que foi feita a pesquisa).

Porcentagem bastante significativa (59%) se dedicava ao ensino superior, sendo que 41% continuavam exercendo magistério neste nível, o que é

Como uma porcentagem significativa dos Psicólogos Escolares são também professores universitários e como os atuais cursos de Pós-Graduação visam primordialmente à carreira universitária, supõe-se que estes 24% de sujeitos não buscavam simples aperfeiçoamento de sua atuação como Psicólogo Escolar mas visavam garantir também o acesso a outro campo de trabalho que é o magistério superior.

### 3. Experiência profissional

Em relação à experiência profissional, todos os sujeitos da amostra já haviam exercido funções de Psicólogo Escolar por período que se estendia de menos de 1 ano a mais de 9 anos, sendo que o maior número de sujeitos, 13 (77%), teve experiência de menos de 1 ano até 5 anos.

No momento da realização da pesquisa, 12 sujeitos (70,59%) exerciam, efetivamente, a função de Psicólogo Escolar.

compreensível devido à expansão do ensino de nível superior e à carência de pessoal qualificado.

Cerca de 30% dos sujeitos declararam já ter exercido outra função técnica na escola além de Psicólogo Escolar, principalmente no Serviço de Orientação Educacional, o qual é considerado por muitos, ainda hoje, com objetivos equivalentes ao Serviço de Psicologia Escolar.

Cerca de 41% dos Psicólogos Escolares tinham experiência nesta função há menos de dois anos,

sendo que, destes, aproximadamente 24% desempenhavam-na há menos de um ano, sendo, portanto, bastante recente sua experiência na área. 41% dos sujeitos tinham experiência neste campo há mais de três anos, o que mostra que certas escolas mantinham já este serviço há algum tempo.

#### 4. Condições de exercício profissional

Conforme os dados da Tabela 3, 12 sujeitos declararam exercer a função de Psicólogo Escolar até um máximo de trinta horas semanais, o que permitia que ele exercesse outra ocupação além desta.

É o que acontece em cerca de 70% dos casos. Observando a Tabela 2, de experiência profissional, podemos constatar que as ocupações que eles exerciam na ocasião da pesquisa, além da de Psicólogo Escolar, eram principalmente: Psicólogo Clínico (35%), Magistério Superior (41%) e Direção ou Coordenação de Escola (18%).

TABELA 3 — HORAS SEMANAIS DEDICADAS AO TRABALHO COMO PSICÓLOGO ESCOLAR

Horas Semanais	N	%
Menos de 10	5	29,41
10  — 20	4	23,53
20  — 30	3	17,65
30  — 40	3	17,65
40  — 50	1	5,88
não respondeu	1	5,88
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,00</b>

#### 5. Dificuldades encontradas no desempenho profissional

47% dos Psicólogos Escolares reclamaram da falta de compreensão e não aceitação de sua função por parte dos professores e das equipes técnicas e administrativa, e 24% apontaram como dificuldade, especialmente, a indefinição da função. Uma vez que essas mesmas dificuldades foram apontadas pelos Orientadores Educacionais (Goldberg, 1974) e pelos Assistentes Pedagógicos (Gatti, Bernardes e Mello, 1974), pode-se inferir que as expectativas em relação a cada um desses técnicos, são ainda bastante obscuras.

Os Psicólogos Escolares relataram encontrar ainda dificuldades devido ao desconhecimento da função por parte dos pais e resistência destes em aceitar orientação (20%).

Um outro empecilho no desempenho da função — apontado por quase 30% dos sujeitos pesquisados — foi a falta de elementos da equipe técnica, sobre-carregando o Psicólogo Escolar que, em muitos

casos, já tinha um horário reduzido de trabalho (dificuldade esta apontada por cerca de 18% dos sujeitos).

Uma outra dificuldade mencionada foi a deficiência na própria formação, uma vez que nem sempre puderam fazer um estudo intensivo da problemática educacional.

Outras dificuldades apresentadas por 12% dos sujeitos foram: baixa remuneração e estrutura escolar inadequada ao desempenho desta função.

#### 6. Número de alunos das escolas onde atuava o Psicólogo Escolar

Podemos observar que, em 65% das escolas onde o Psicólogo Escolar era requisitado a trabalhar, havia menos de 500 alunos (Tabela 4). Só em 18% havia mais de 500 alunos.

TABELA 4 — NÚMERO DE ALUNOS DAS ESCOLAS ONDE TRABALHAVAM OS PSICÓLOGOS ESCOLARES.

Nº de Alunos	N	%
Menos de 100	2	11,76
100  — 300	5	29,41
300  — 500	4	23,53
500  — 1000	1	5,88
1000  — 2000	2	11,76
não responderam	3	17,65
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,00</b>

#### 7. Outros técnicos existentes no estabelecimento

Pela grande porcentagem de técnicos existentes nos estabelecimentos em que atuavam os Psicólogos Escolares (88% com Orientador ou Assistente Pedagógico, 53% com Orientador Educacional, 65% com outros técnicos que desempenhavam funções não especificadas), podemos acreditar que o Psicólogo Escolar trabalhava em escolas que se encontravam em situação bastante privilegiada quanto à assistência técnica.

#### 8. Relacionamento entre os membros da equipe técnica da escola

Na maioria dos estabelecimentos de ensino (53%), os membros da equipe técnica eram percebidos pelo Psicólogo Escolar trabalhando como um grupo, embora gozando de autonomia funcional. Em 30% das escolas eles atuavam em um único setor, formando uma equipe. Em apenas 12% dos casos, o Psicólogo Escolar exercia suas funções de modo independente, sem relacionamento com as atividades realizadas em outros setores técnicos.

## V. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente foram feitas as correlações entre os arranjos Q individuais.

Em seguida submeteu-se a matriz de correlações a uma análise fatorial, resultando a matriz fatorial rotada.

Cada fator gerado pela análise fatorial rotada foi analisado, com a finalidade de selecionar aqueles sujeitos com cargas fatoriais iguais ou maiores do que 0,30 no fator. Escolhemos então 3 fatores que apresentavam maior número de sujeitos com carga fatorial maior ou igual a 0,30. Passamos a trabalhar somente com esses fatores e respectivos "clusters" de sujeitos. Foi calculado, em seguida, o peso de cada um dos indivíduos do "cluster", no fator, multiplicando-se, depois, todas as afirmações de cada um dos sujeitos do respectivo "cluster" pelo seu peso no fator. Como resultado, tivemos uma matriz de afirmações ponderadas pelos pesos dos sujeitos do "cluster" em cada fator. As afirmações foram então dispostas por ordem decrescente de ponderação total, em cada fator, e distribuídas na escala Q original (posições 0 a 10), constituindo-se assim em arranjos Q fatoriais típicos.

Em seguida, tomaram-se os itens mais valorizados em cada um dos arranjos (posições 10 — 9 — 8 — 7) e, quando constatado que um item era comum a mais de um fator, ele era mantido apenas naquele em que tivesse ponderação maior (em termos absolutos). O mesmo foi feito com os itens menos valorizados (posições 0 — 1 — 2 — 3), tornando-se assim exclusivos os arranjos Q.

Tendo sido muitos os itens eliminados do arranjo Q fatorial III, procedemos à análise de conteúdo dos itens considerados mais adequados (dimensão prescritiva) e menos adequados (dimensão prescritiva) apenas dos arranjos Q fatoriais I e II (Anexos 3 e 4). Através dessa análise, podemos ter uma idéia da valorização atribuída pelos respectivos conjuntos de sujeitos às várias atividades propostas para seu julgamento quanto a sua maior ou menor adequação em relação ao trabalho do Psicólogo Escolar.

### Arranjo Q Fatorial I

Os itens mais valorizados dentro do Arranjo Q Fatorial I deixam entrever a atuação do Psicólogo Escolar como um consultor que fornece esclarecimentos, estuda problemas, assessora na compreensão dos fatores que influenciam o comportamento, oferece informações e discute medidas a serem tomadas (itens 16, 21, 31, 57, 63 e 69).

A forma de atuação que se pode inferir observando os itens mais valorizados é de cooperação,

em relação às atividades desenvolvidas pela direção, outros técnicos e professores, no sentido de facilitar a atuação deles.

Um dos itens valorizados como pertinentes à função de Psicólogo Escolar diz respeito à sua atuação como "elo" entre a clínica onde o aluno faz terapia e a escola (item 69).

A maioria dos itens mais valorizados põe em relevo a atuação do Psicólogo Escolar como *facilitador na solução de problemas* já existentes e não como aquele que cria um ambiente favorável ao não aparecimento desses problemas (itens 21, 31, 57 e 69). Só dois dos itens mencionados (16 e 63) enfatizam o trabalho preventivo na linha de ajustamento social.

Dois itens considerados muito adequados à função do Psicólogo Escolar referem-se à pesquisa como uma das contribuições deste profissional para o trabalho da escola (itens 23 e 58).

Um dos itens valorizados diz respeito ao controle pelo Psicólogo Escolar de sua própria atividade (item 66).

Examinando os itens considerados *menos adequados* à descrição da função de Psicólogo Escolar, constatamos que alguns deles envolvem orientação individual de aluno (itens 19, 42, 47 e 50). Os itens 11, 15 e 47, colocados na dimensão proscritiva, indicam que os sujeitos consideram não caber ao Psicólogo Escolar a orientação vocacional de alunos.

São também considerados pouco pertinentes à função os itens que atribuem ao Psicólogo Escolar uma função intermediária entre a Escola e a família (itens 4, 35 e 39).

Os itens integrantes dessa dimensão proscritiva descrevem o Psicólogo como elemento que executa uma tarefa e não aquele que facilita a execução da tarefa por outro elemento da escola (itens 19, 35, 39, 42 e 47).

Embora na dimensão prescritiva tenha sido evidenciado ser função do Psicólogo Escolar assessorar a direção, a inclusão do item 41 na dimensão proscritiva indica que não lhe cabe influir quanto à dispensa de professor.

Embora também na área prescritiva tenha sido considerado como função do Psicólogo assessorar o professor, o item 60 colocado como um dos itens não pertinentes à função, diz que ele não deve assessorar o professor no levantamento de critérios para a formação de grupos de trabalho em classe, talvez por ser isso considerado função do orientador educacional (veja-se item 63, colocado na parte prescritiva).

## Arranjo Q Fatorial II

Os itens integrantes do Arranjo Q Fatorial II, na dimensão prescritiva, refletem preocupação com o desempenho profissional, em termos de planejamento, execução e avaliação do Serviço de Psicologia Escolar, visando a um contínuo aperfeiçoamento a partir das experiências realizadas (o que pode ser percebido pela análise dos itens 17, 43, 53 e 67).

Os itens considerados mais pertinentes à função de Psicólogo Escolar refletem uma expectativa de atuação principalmente junto aos professores (itens 8, 12, 13, 55, 59 e 65) e, em segundo lugar, junto à equipe técnica e administrativa (itens 9, 33 e 46). A atuação do Psicólogo Escolar junto aos professores, que se pode depreender desses itens, é no sentido de capacitá-los a desempenhar mais competentemente o seu papel (itens 8, 12, 13, 49, 55, 59 e 65). Enfatiza-se a atuação do Psicólogo Escolar como aquele que dá condições ao professor de criar um ambiente escolar favorável à Saúde Mental. Podemos inferir da análise dos itens mais valorizados, que este grupo privilegia a atuação do Psicólogo Escolar no sentido de dar condições para o não aparecimento de problemas escolares, uma atuação

visando mais à prevenção de dificuldades do que à solução delas (itens 8, 12, 25, 33, 46, 49, 55 e 65).

Apenas três dos itens desta dimensão evidenciam uma atuação na linha de solução de problemas existentes (itens 9, 18 e 59).

Considerando os itens classificados pelos elementos do Arranjo Q Fatorial II como *menos pertinentes* à função de Psicólogo Escolar vemos que se referem a atividades que visam à Orientação Educacional e, principalmente, à Orientação Vocacional dos alunos (itens 14, 20, 22, 48, 61 e 62).

Os itens deste Arranjo Q Fatorial considerados como pouco pertinentes à função de Psicólogo Escolar, descrevem-no como alguém que realiza uma atividade e não como aquele que assessora.

Um dos itens menos valorizados diz respeito à participação do Psicólogo Escolar nas associações existentes na escola, como por exemplo a Associação de Pais e Mestres (item 5).

Não são aceitas também, como seu papel, tarefas de Bibliotecário, mantendo bibliografia e texto para consulta dos professores (item 37), ou de Assistente Social, na manutenção e atualização constante de um cadastro de atendimento especializado da comunidade (item 56).

## VI. CONCLUSÕES

Como vimos, a pesquisa revela duas distintas concepções de papel no modo de atuação do Psicólogo Escolar, embora ambas privilegiem a figura do professor como o elemento central do trabalho educacional a ser desenvolvido.

Uma das concepções é bastante preventiva quanto ao surgimento de problemas escolares, enquanto que a outra é centrada na solução desses problemas, à medida que surgem no cenário da escola.

De acordo com Biddle (1964) toda concepção de papel traz implícito um modelo de competência. Analisando os itens de maior ponderação em cada arranjo Q fatorial típico, extraímos os modelos constantes dos Anexos 5 e 6.

No modelo de competência profissional extraído do Arranjo Q Fatorial II (Anexo 6) podemos ver que quatro itens dizem respeito à estrutura do Serviço de Psicologia Escolar. A primeira tarefa que o Serviço se propõe é formular os seus próprios objetivos, determinar os seus modos de atuação e estabelecer formas de avaliação (item 43). Em seguida, estrutura-se administrativamente, coletando e mantendo atualizado um fichário com dados psicológicos dos alunos (item 53). Estabelece, ainda, o sistema de tornar públicas as atividades realizadas pelo serviço (item 17), propondo-se a rever pe-

riodicamente seus objetivos, a partir do "feedback" fornecido pelas constantes avaliações de seu desempenho.

A partir dos seus objetivos, o Serviço vai atingir o professor, o pessoal técnico e administrativo, no sentido de lhes fornecer um embasamento psicológico capaz de criar condições favoráveis ao desenvolvimento do aluno.

Somente nos itens 9 e 18, assinalados com setas em ambos os lados das caselas, o Psicólogo Escolar se propõe a trabalhar no atendimento de alunos. Assim mesmo, restringe o seu trabalho ao encaminhamento, quando necessário, a serviços especializados, e ao planejamento do trabalho de atendimento a casos especiais, com a colaboração de todos os demais profissionais da escola.

Todo esse trabalho, realizado indiretamente, ou diretamente, visa sempre ao aluno, o que as três setas inferiores procuram representar. A avaliação desse trabalho fornece "feedback" para o esforço ou reformulação dos objetivos, fechando-se assim o sistema.

No modelo de competência profissional extraído do Arranjo Q Fatorial I (Anexo 5), não podemos perceber a mesma consistência na concepção do papel do Psicólogo Escolar. Apenas um item diz res-

peito à estrutura administrativa do Serviço de Psicologia Escolar, referindo-se este exclusivamente à organização e atualização de um registro de suas atividades (item 66). Paralelamente, o profissional deve executar pesquisas e trabalhos no campo da educação (item 58), para em seguida atingir ao professor, equipe técnica e direção, na tentativa de solucionar os problemas existentes. Mesmo quando realiza atividades como caracterização da clientela escolar (item 23) e fornecimento de informações às clínicas de tratamento psicológico (item 69), tem por objetivo oferecer elementos para o planejamento do professor, no primeiro caso, e do orientador, no segundo, quanto às medidas que devem ser tomadas referentes aos casos encaminhados às clínicas. As setas no centro das caselas relativas aos itens 23 e 69 procuram ilustrar o acima descrito.

Todo esse trabalho visa sempre ao aluno, o que é indicado pelas três setas inferiores.

Neste modelo, não há indicação de uma sistemática de avaliação e conseqüente "feedback" para realimentar o sistema. Em comparação com o anterior, é um sistema aberto, onde o papel do Psicólogo Escolar parece ser o de um profissional à disposição do professor e técnicos da escola para auxiliá-los na solução dos problemas, à medida que os mesmos vão surgindo.

Ambos os modelos refletem concepções alternativas do papel de Psicólogo Escolar, embora em ambos este seja visto, basicamente, como um CONSULTOR. Pesquisas futuras deverão determinar as condições e o grau de eficiência de cada um dos modelos descritos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANASTASI, A. 1972. *Campos da psicologia aplicada*. Edit. Herder, São Paulo.
- ASSOCIATION OF EDUCATIONAL PSYCHOLOGIST. 1965. *Evidence prepared by the AEP for the Department of Education and Science, Working Party on educational psychologists*. England.
- BAYARD, A. P.; GARCIA, E. C. e ROBERT, M. I. 1972. *Reforma do ensino*. 2ª ed. Lisa Livros Irradiantes, São Paulo.
- BIDDLE, B. G. e ROSENGRANZ, H. A. 1964. The role approach to teacher competence. In BIDDLE, B. G. e ELENA, W. J. ed. *Contemporary research on teacher effectiveness*. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- BRASIL. Conselho Federal de Educação. 1962. *Parecer 403/62; Currículo mínimo do psicólogo*. Rio de Janeiro.
- BRASIL. Leis, decretos, etc. 1964. *Decreto 53.464; A profissão de psicólogo*. Brasília.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. 1964. *Currículo mínimo dos cursos de nível superior*. Rio de Janeiro.
- BRITISH PSYCHOLOGICAL SOCIETY. 1962. *O serviço de psicologia escolar na Inglaterra e País de Gales*; tradução do Setor de Orientação Educacional do Colégio Estadual Fidelino de Figueiredo. São Paulo.
- GATTI, B. A.; BERNARDES, N. M. G. e MELLO, G. N. de. 1974. Estudo sobre a função do assistente pedagógico. *Cadernos de Pesquisa*, (9): 3-40, mar.
- GOLDBERG, M. A. A. 1973. Avaliação e planejamento educacional; Problemas conceituais e metodológicos. *Cadernos de Pesquisa*, (7): 61-72, jun; 1974. *Avaliação da competência no desempenho do papel profissional de orientador educacional*. Fundação Carlos Chagas. (ex. mimeografado).
- KERLINGER, F. N. 1958. *Foundations of behavior research; A methodology and the testing of theory*. Holt, Rinehart and Winston, New York; 1973. *Foundations of behavior research*: cap. 34 2ª ed. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- MARTINS, J. 1970. O psicólogo escolar. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, 16 (11): 7-14, jan./mar.
- KILPATRICK, W. H. 1965. *Educação para uma civilização em mudança*. 4ª ed. Edit. Melhoramentos, São Paulo.
- LIMA, L. de O. 1971a. *A escola secundária moderna*. 9ª ed. Vozes, Rio de Janeiro; 1971b. *Treinamento em dinâmica de grupo*. 3ª ed. Vozes, Rio de Janeiro.
- PATTO, M. H. S. 1973. *O papel do psicólogo escolar*; comunicação apresentada ao 14º Congresso Internacional de Psicologia, São Paulo. Fundação CENAFOR, São Paulo.
- SÃO PAULO (estado) Conselho Estadual da Educação. 1972. *Indicação 1/72*. São Paulo.
- SÃO PAULO (estado) Secretaria da Educação. 1972. *Plano estadual de implantação do ensino de 1º e 2º graus*. São Paulo.
- SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. s. d. *Serviços psicológicos em uma grande instituição educacional*. (ex. mimeografado).
- STEPHENSON, W. 1964. *The study of behavior*. 4ª ed. University of Chicago Press, Chicago.
- TEITELBAUM, S. e SUAREZ DE PUGA, I. M. 1973. Psicologia escolar: relato de nossa experiência. *Cadernos de Psicologia Aplicada*, 1 (1): 17-28, jan./jun.
- WALL, W. D. 1958. *A psicologia e serviço da escola; Documentos pedagógicos internacionais do Instituto da UNESCO*. Ed. Bourrellier. (ex. mimeografado).

## A N E X O 1

### RELAÇÃO DAS AFIRMAÇÕES DA ESCALA Q

01. Promove debates com os alunos a fim de corrigir ou prevenir problemas de comportamento (roubos, mentira, cola, etc.).
02. Colabora com o orientador no sentido de diagnosticar problemas de sala de aula.
03. Faz seleção de professores.
04. Estuda com os familiares as possibilidades de melhorar o relacionamento pais-filhos.
05. Colabora com a Associação de Pais e Mestres e outras associações afins.
06. Entrevista os pais e demais familiares para obter dados e informações.
07. Faz terapia de alunos que apresentam problemas emocionais que interferem no seu ajustamento ao trabalho escolar.
08. Auxilia o professor a ajustar suas expectativas aos potenciais de aprendizagem de cada criança.
09. Planeja o trabalho de atendimento dos alunos com problemas especiais, com a colaboração da direção, técnica e corpo docente.
10. Discute com os professores sobre casos que precisam de um estudo mais aprofundado.
11. Mantém um fichário atualizado de oportunidades educacionais e profissionais existentes.
12. Esclarece os professores acerca da necessidade de adequar o ensino às capacidades e aos interesses de seus alunos.
13. Capacita o professor em estratégias para modificação de comportamento.
14. Trabalha com cada professor para que ele conheça bem os objetivos específicos de sua área e possa melhor explorá-la com vistas à orientação vocacional dos alunos.
15. Promove a vinda, à escola de profissionais de várias áreas, a fim de debaterem com os alunos sobre as respectivas profissões.
16. Discute com a direção e equipe técnica a orientação disciplinar a ser dada pela escola.
17. Apresenta relatórios periódicos sobre atividades realizadas pelo Serviço de Psicologia Escolar.
18. Encaminha o aluno, quando necessário, a serviços especializados da comunidade escolar ou fora desta.
19. Faz aconselhamento individual de alunos com problemas na área sexual.
20. Realiza sessões de orientação em grupo com os alunos visando o desenvolvimento sócio-emocional.
21. Assessora o Orientador na compreensão dos fatores que influenciam o comportamento desviante dos alunos e os efeitos positivos ou negativos da punição.
22. Colabora com o Orientador Educacional na formulação de objetivos e na seleção de estratégias para a programação de orientação educacional na escola.
23. Realiza estudos de caracterização da clientela da escola a fim de obter dados para o planejamento dos professores.
24. Assiste o orientador no trabalho de estudo de caso.
25. Elabora perfis de classe com base em características comportamentais: padrões de interação do grupo, aproveitamento escolar e aspecto disciplinar.
26. Participa do trabalho de recuperação escolar dos alunos.
27. Colabora com o orientador na solução de problemas disciplinares.
28. Entrevista os pais de alunos que apresentam dificuldades especiais.
29. Colabora com o Orientador na realização de reuniões com os professores para discutir problemas específicos de cada classe.
30. Esclarece o professor acerca da importância de manter um clima democrático em sala, sugerindo-lhe novas maneiras de lidar com a classe.
31. Fornece à direção, técnicos e professores, esclarecimentos sobre a fundamentação psicológica necessária à solução de problemas escolares.
32. Assessora a equipe técnica da escola na aplicação de procedimentos de dinâmica de grupo.
33. Promove reuniões com os técnicos da escola para garantir uma uniformidade de trabalho em relação ao professor.
34. Capacita os elementos da escola na operacionalização de objetivos.
35. Comunica à família dados a respeito dos alunos.

36. Coordena um programa de testes visando avaliação diagnóstica e orientação psicológica dos alunos.
37. Mantém bibliografia ou textos disponíveis para consulta de professores e demais técnicos.
38. Aplica e interpreta os resultados de testes psicológicos aplicados aos alunos.
39. Promove reuniões com os pais dos alunos, para expor e discutir a orientação dada aos filhos pela escola.
40. Verifica se os métodos aplicados em aprendizagem pelos professores estão adequados à população.
41. Participa nas decisões relativas à admissão e dispensa de professores.
42. Faz o acompanhamento do rendimento escolar do aluno por meio de material escrito, observação de sala de aula, controle de frequência, etc..
43. Formula objetivos para o Serviço de Psicologia Escolar, determinando os modos de atuação e estabelecendo formas de avaliação.
44. Assiste os professores na construção de uma ficha de avaliação dos alunos coerentes com os objetivos educacionais.
45. Trabalha na adaptação de alunos indisciplinados, problemáticos ou desajustados.
46. Assessora o Orientador na construção de instrumentos de avaliação e auto-avaliação dos alunos, de acordo com os objetivos educacionais da escola.
47. Procura levar o aluno a refletir sobre suas próprias possibilidades e limitações (aptidões, interesses e características de personalidade).
48. Assessora técnicos e professores no trabalho de sondagem de aptidões.
49. Promove a capacitação de pessoal no que se refere à Psicologia, fornecendo maiores elementos para suas tomadas de decisão.
50. Faz um levantamento completo dos alunos novos e planeja para estes um programa de adaptação à escola.
51. Participa dos trabalhos executados durante as "semanas de planejamento" da escola.
52. Analisa e interpreta dados de pesquisa adaptando seus resultados sempre que possível.
53. Organiza e mantém um fichário com dados psicológicos sobre os alunos.
54. Participa de reuniões com direção e equipe técnica, a fim de garantir uma unidade de ação pedagógica na escola.
55. Treina o professor em observação e registro de comportamento.
56. Mantém e atualiza constantemente um cadastro de recursos de atendimento especializado na comunidade.
57. Estuda os problemas educacionais ou escolares propostos pelo diretor e oferece parecer fundamentado sobre eles.
58. Realiza pesquisas e trabalhos no campo da Educação.
59. Incentiva o professor a propor e a tentar alternativas de solução para problemas escolares dos alunos.
60. Discute com o professor critérios para a formação de grupos de trabalho em classe.
61. Programa e executa a aplicação de testes de Orientação Profissional.
62. Faz aconselhamento de alunos das últimas séries visando a melhor opção profissional possível.
63. Colabora com o Orientador na construção de critérios para a formação de grupos de trabalho em classe.
64. Assessora o Orientador no trabalho de informação profissional dos alunos.
65. Faz observação dos acontecimentos na sala de aula, focalizando tanto professor como aluno, de forma a poder apresentar sugestões concretas para o professor.
66. Organiza e mantém atualizado um registro de suas atividades.
67. Reforça ou modifica seus modos de atuação a partir da avaliação periódica de seu desempenho.
68. Discute programas, planos e procedimentos com a direção e equipe técnica da escola.
69. Oferece informações às clínicas de tratamento psicológico e discute com o Orientador as medidas a serem tomadas.
70. Organiza e mantém um fichário de entrevistas com pais.

## A N E X O 2

### INSTRUÇÕES DA ESCALA Q

1. Você está recebendo uma série de cartões e uma cartela.  
Nos cartões, há uma série de afirmações que dizem respeito ao trabalho do PSICÓLOGO ESCOLAR. Para responder, suponha que o PSICÓLOGO ESCOLAR trabalha em escola, integrando uma equipe técnica constituída de um orientador pedagógico e um orientador educacional.
2. Você deverá ler essas afirmações e classificá-las numa escala de 0 a 10, segundo os critérios abaixo:
  - a) Na posição 10 coloque aquelas afirmações que, no seu julgamento, descrevem os comportamentos que são *mais* adequados ao desempenho da função de PSICÓLOGO ESCOLAR.
  - b) Na posição 0 coloque aquelas afirmações que, no seu julgamento, descrevem os comportamentos que são *menos* adequados ao desempenho da função PSICÓLOGO ESCOLAR.
  - c) A distribuição dos cartões na escala, deverá ser feita da seguinte forma:

#### DISTRIBUIÇÃO DOS 70 CARTÕES NA ESCALA

POSIÇÃO NA ESCALA	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nº DE AFIRMAÇÕES EM CADA POSIÇÃO	2	3	5	7	11	14	11	7	5	3	2

Isto é, aos números 0 e 10 deverão corresponder 2 afirmações; aos números 1 e 9 deverão corresponder 3 afirmações; aos números 2 e 8 deverão corresponder 5 afirmações, e assim por diante.

posição. Sobre cada divisão, coloque os cartões que você escolheu para aquela posição.

3. Para fazer a classificação, use a cartela com 11 divisões. Em cada divisão você encontrará impresso, à esquerda, o número da posição na escala e, à direita, em tamanho menor, o número de afirmações que deverão corresponder a esta

#### OBSERVAÇÕES

- O número que está impresso no cartão é para uso do pesquisador. Não se incomode com ele.
- Sugerimos que, antes de começar a classificação, você leia todas as afirmações.

**A N E X O 3**  
**ARRANJOS Q FATORIAIS TÍPICOS**

D I M E N S ã O		P R O S C R I T I V A				P R E S C R I T I V A			
P O S I Ç ã O N A E S C A L A		0	1	2	3	7	8	9	10
N º D E A F I R M A Ç Õ E S E M C A D A P O S I Ç ã O		2	3	5	7	7	5	3	2
N º M E R O D O S I T E N S	ARRANJO Q FATORIAL I	—	39	19	4	16	21	23	31
				35	11	63	57	58	
				42	15	N = 11 (65%)	66		N = 9 (53%)
				47	41	50	69		
					60				
	ARRANJO Q FATORIAL II	61	5	22	9	8	49	13	
			14	37	12	17	55	43	
			20	48	18	59	65		
				56	N = 9 (33%)	25	67		
			62		33		N = 16 (94%)		
					46				
				53					
ARRANJO Q FATORIAL III	7	6	1	26	32	38	54		
		26		70	34		68		
					36				
		44			51				
							N = 7 (41%)		
							N = 7 (41%)		

A N E X O 4  
TABELA DOS PESOS

A — ARRANJO Q FATORIAL I — DIMENSÃO PRESCRITIVA

<i>Posição na escala</i>	<i>Nº do item (N = 9)</i>	<i>Ponderação</i>	<i>Descrição</i>
10	31	194,36	Fornece à direção, técnicos e professores, esclarecimentos sobre a fundamentação psicológica necessária à solução de problemas escolares.
9	23	155,32	Realiza estudos de caracterização da clientela da escola a fim de obter dados para o planejamento dos professores.
	58	154,78	Realiza pesquisas e trabalhos no campo da Educação.
8	57	154,47	Estuda os problemas educacionais ou escolares propostos pelo diretor e oferece parecer fundamentado sobre eles.
	66	152,35	Organiza e mantém atualizado um registro de suas atividades.
	21	150,89	Assessora o Orientador na compreensão dos fatores que influenciam o comportamento desviante dos alunos e os efeitos positivos ou negativos da punição.
7	69	148,47	Oferece informações às clínicas de tratamento psicológico e discute com o Orientador as medidas a serem tomadas.
	63	143,48	Colabora com o Orientador na construção de critérios para a formação de grupos de trabalho em classe.
	16	141,88	Discute com a direção e equipe técnica a orientação disciplinar a ser dada pela escola.

B — ARRANJO Q FATORIAL I — DESCRIÇÃO PRESCRITIVA

<i>Posição na escala</i>	<i>Nº do item (N = 11)</i>	<i>Ponderação</i>	<i>Descrição</i>
	15	81,82	Promove a vinda à escola de profissionais de várias áreas, a fim de debaterem com os alunos sobre as respectivas profissões.
	11	81,14	Mantém um fichário atualizado de oportunidades educacionais e profissionais existentes.
3	41	78,23	Participa nas decisões relativas à admissão e dispensa de professores.
	50	75,23	Faz um levantamento completo dos alunos novos e planeja para estes um programa de adaptação à escola.
	4	72,37	Estuda com os familiares as possibilidades de melhorar o relacionamento pais-filhos.
	60	69,37	Discute com o professor critérios para a formação de grupos de trabalho em classe.
	19	63,81	Faz aconselhamento individual de alunos com problemas na área sexual.
	47	62,84	Procura levar o aluno a refletir sobre suas próprias possibilidades e limitações (aptidões, interesses e características de personalidade).
2	35	61,69	Comunica à família dados a respeito dos alunos.
	42	48,90	Faz o acompanhamento do rendimento escolar do aluno por meio de material escrito, observação de sala de aula, controle de frequência, etc.
1	39	48,46	Promove reuniões com os pais dos alunos, para expor e discutir a orientação dada aos filhos pela escola.
0			

C — ARRANJO Q FATORIAL II — DIMENSÃO PRESCRITIVA

<i>Posição na escala</i>	<i>Nº do item (N = 61)</i>	<i>Ponderação</i>	<i>Descrição</i>
10	43	230,81	Formula objetivos para o Serviço de Psicologia Escolar, determinando os modos de atuação e estabelecendo formas de avaliação.
	13	225,82	Capacita o professor em estratégias para modificação de comportamento.
9	55	200,75	Treina o professor em observação e registro de comportamento.
	49	192,05	Promove a capacitação de pessoal no que se refere à Psicologia, fornecendo maiores elementos para suas tomadas de decisão.
	65	190,39	Faz observação dos acontecimentos na sala de aula, focalizando tanto professor como aluno, de forma a poder apresentar sugestões concretas para o professor.
8	67	186,18	Reforça ou modifica seus modos de atuação a partir da avaliação periódica de seu desempenho.
	8	184,69	Auxilia o professor a ajustar suas expectativas aos potenciais de aprendizagem de cada criança.
	59	175,55	Incentiva o professor a propor e tentar alternativas de solução para problemas escolares dos alunos.
	17	168,30	Apresenta relatórios periódicos sobre atividades realizadas pelo Serviço de Psicologia Escolar.
7	18	165,44	Encaminha o aluno, quando necessário, a serviços especializados da comunidade escolar ou fora desta.
	46	161,53	Assessora o Orientador na construção de instrumentos de avaliação e auto-avaliação dos alunos, de acordo com os objetivos educacionais da escola.
	25	160,77	Elabora perfis de classe com base em características comportamentais: padrões de interação do grupo, aproveitamento escolar e aspecto disciplinar.
	12	159,96	Esclarece os professores acerca da necessidade de adequar o ensino às capacidades e aos interesses de seus alunos.
	53	155,54	Organiza e mantém um fichário com dados psicológicos sobre os alunos.
	33	154,33	Promove reuniões com os técnicos da escola para garantir uma uniformidade de trabalho em relação ao professor.
	9	153,56	Planeja o trabalho de atendimento dos alunos com problemas especiais, com a colaboração da direção, e equipe técnica e corpo docente.

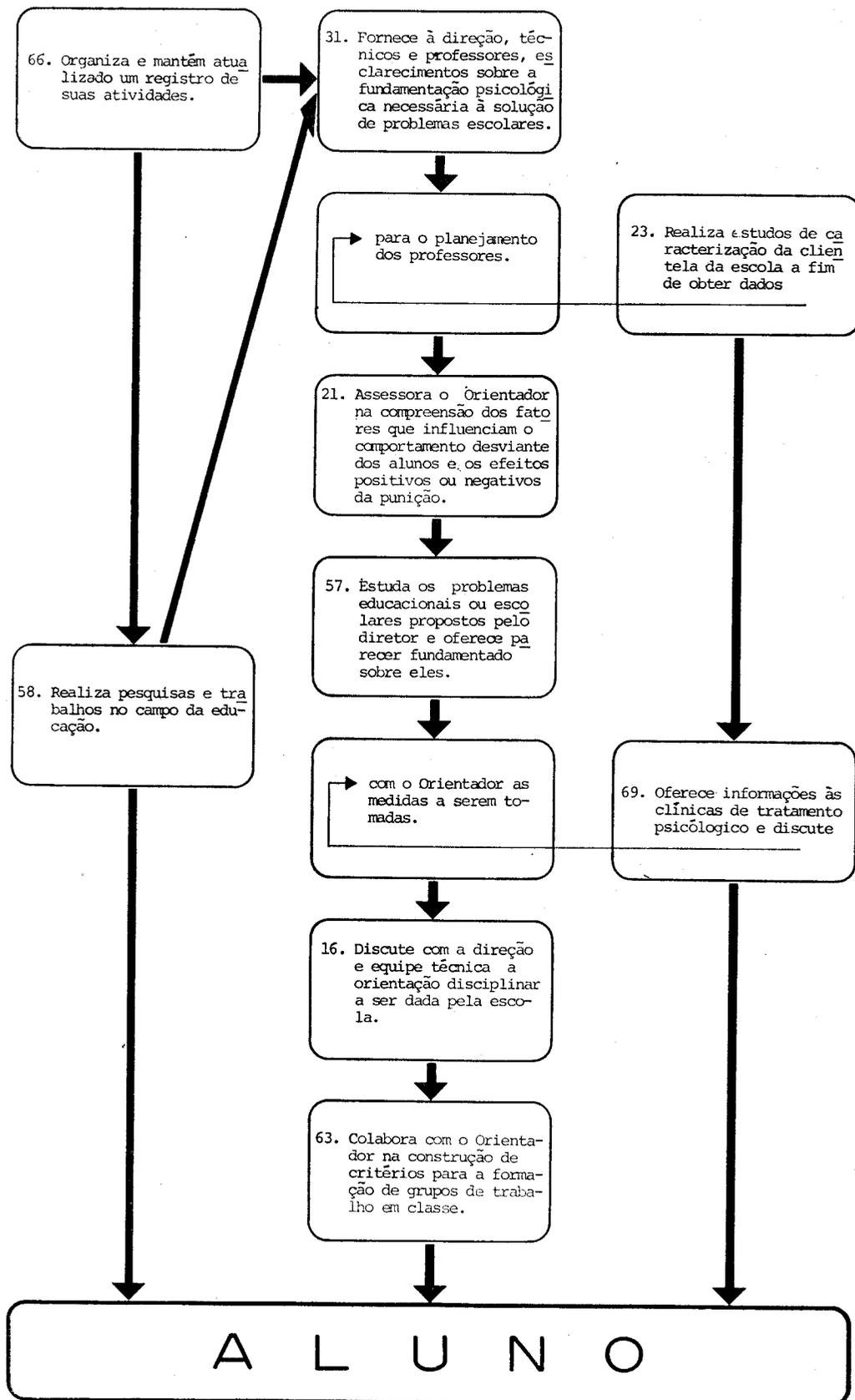
D — ARRANJO Q FATORIAL II — DIMENSÃO PROSCRITIVA

<i>Posição na escala</i>	<i>Nº do item (N = 9)</i>	<i>Ponderação</i>	<i>Descrição</i>
3	37	100,27	Mantém bibliografia ou textos disponíveis para consulta de professores e demais técnicos.
	48	90,93	Assessora técnicos e professores no trabalho de sondagem de aptidões.
	62	87,53	Faz aconselhamento de alunos das últimas séries visando a melhor opção profissional possível.
	56	87,18	Mantém e atualiza constantemente um cadastro de recursos de atendimento especializado na comunidade.
	22	74,33	Colabora com o Orientador Educacional na formulação de objetivos e na seleção de estratégias para a programação de orientação educacional na escola.
2	14	73,41	Trabalha com cada professor para que ele conheça bem os objetivos específicos de sua área e possa melhor explorá-la com vistas à orientação vocacional dos alunos.
	5	71,62	Colabora com a Associação de Pais e Mestres e outras associações afins.
	20	63,63	Realiza sessões de orientação em grupo com os alunos visando o desenvolvimento sócio-emocional.
1	61	56,59	Programa e executa a aplicação de testes de Orientação Profissional.
0			

A N E X O 5

MODELO DE COMPETÊNCIA PROFISSIONAL IMPLÍCITO NO ARRANJO Q FATORIAL I  
(CONCEPÇÃO DO PAPEL DE PSICÓLOGO ESCOLAR).

# SERVIÇO DE PSICOLOGIA ESCOLAR



MODELO DE COMPETÊNCIA PROFISSIONAL IMPLÍCITO NO ARRANJO Q FATORIAL II  
(CONCEPÇÃO DO PAPEL DE PSICÓLOGO ESCOLAR).

